



Pensamentos sobre as contribuições de Robert G. Bednarik para a pesquisa em arte rupestre no Brasil*

RAONI VALLE

Escrever sobre as contribuições de Robert G. Bednarik para a pesquisa de arte rupestre em qualquer canto do planeta, exceto na Antártica (ainda), é ao mesmo tempo uma tarefa exigente mas também fácil. É difícil descrevê-lo devido às muitas coisas que ele fez, como trabalho de campo e participação em debates acadêmicos importantes em quase todos os continentes. Ele produziu uma quantidade notável de publicações, rivalizando em qualidade, abordando uma ampla gama de tópicos, desde a evolução cognitiva e cultural dos hominínios até a metamorfose mineral na superfície rochosa dentro das cúpulas causada pela energia cinética da percussão. Sua mente engenhosa, seu trabalho meticuloso e suas afirmações cientificamente fundamentadas foram convincentes e influentes o suficiente para nutrir e promover o campo da ciência da arte rupestre. Não é de surpreender que ele tenha se tornado uma referência sólida-como-rocha e conhecida para a pesquisa global de arte rupestre nos últimos 45 anos.

Por outro lado, é fácil falar sobre o seu significado pelas mesmas razões mencionadas acima. Sua presença influenciou diversos temas da arte rupestre. Datação direta, tafonomia, tecnologia, ciência forense, tribologia, etnografia e filosofia do conhecimento, para citar alguns. Tendo sido pioneiro em algumas dessas áreas. É o caso das abordagens de datação direta baseadas na observação e medição de processos geológicos aplicadas à estimativa da idade da arte rupestre, já no final dos anos 70 (Bednarik, 1979). Portanto, é relativamente fácil perceber como Robert Bednarik se tornou uma referência para aqueles interessados seriamente em estudar arte rupestre. Mesmo para seus críticos, pois suas posições nem sempre foram bem aceitas, e a crítica contrária e polêmicas também percorreram sua trajetória, com algumas vozes acadêmicas insatisfeitas ecoando ao longo das décadas.

Durante a década de 1980, ocorreram suas principais contribuições em escala global: a fundação da Federação Internacional de Organizações de Arte Rupestre (IFRAO) e a criação da mais relevante revista científica internacional, revisada por pares, exclusivamente dedicada ao tema, a *Rock Art Research* (RAR). Estas iniciativas acabaram por exercer algum grau de influência sobre a organização da pesquisa com arte rupestre em boa parte do mundo. A partir desse momento, a ideia de que a arte rupestre poderia ter vitalidade epistemológica autônoma, independentemente da arqueologia, sem cair na interpretação metafísica ou na analogia vazia, foi lentamente tomando forma. O papel de apoio que a IFRAO teve na criação mundial de organizações específicas dedicadas à investigação, gestão e proteção de pinturas e gravuras rupestres, pictogramas, petróglifos e fenômenos relacionados foi fundamental para promover o empoderamento público da arte rupestre e o seu amplo reconhecimento social como um recurso inestimável,

não renovável, e culturalmente ameaçado, além de uma expressão cognitiva, simbólica e artística fundamental da humanidade. A IFRAO também sustentou um ativismo crucial em matéria de arte rupestre, fomentando campanhas globais protecionistas para salvar sítios rupestres ameaçados em todo o planeta. Em suma, nos últimos 35 anos, essas iniciativas deram passos decisivos para transcender o status tradicionalmente atribuído à arte rupestre como uma variável pouco informativa do registro arqueológico, em direção à constituição, como já dito, de uma ciência da arte rupestre.

Nos estudos sobre arte rupestre no Brasil, porém, a influência de Robert Bednarik foi mais indireta e esporádica. Portanto, é razoável supor que se trate de um autor ainda a ser descoberto pelo público especializado no Brasil, principalmente estudantes.

Uma de suas primeiras observações específicas mais significativas a respeito de um contexto arqueológico no Brasil, soterrando arte rupestre, com algumas repercussões internas e externas, ocorreu no final dos anos 80 (Bednarik, 1989). Depois de visitar o Parque Nacional da Serra da Capivara, a convite da mais prestigiada arqueóloga brasileira, Niède Guidon, ele avaliou o caso das pinturas rupestres estratigraficamente enterradas do sítio Toca do Baixão do Perna I como um contexto excepcional. Encontrados abaixo das camadas de sedimentos datadas por radiocarbono entre 9.500 e 10.530 anos AP, esses pictogramas provavelmente tiveram uma origem no Pleistoceno Tardio, situando-se, portanto, entre as mais antigas formas de arte rupestre sobreviventes das Américas (Bednarik, 2017). Vale lembrar que a idade pleistocênica dos sítios de arte rupestre descobertos e pesquisados pela equipe de Niède Guidon no Parque Nacional da Serra da Capivara já estava sob forte contestação especialmente por arqueólogos norte-americanos. Apenas alguns cientistas de renome internacional, além do ramo francês de sua equipe de pesquisa, respaldavam as descobertas brasileiras. Bednarik foi um dos primeiros especialistas internacionais em arte rupestre a apoiar algumas das afirmações de Guidon com base em avaliação direta das evidências disponíveis.

Durante a década de 1990, a pesquisa brasileira com arte rupestre tornou-se mais sistematicamente internacionalizada. Enquanto a escola estruturalista francesa, misturada com uma tendência histórico-cultural na classificação de tradições e cronostilos, ainda era de certa forma influente no início dos anos 90, a pesquisa brasileira em arte rupestre foi lentamente diversificando suas abordagens teóricas e metodológicas ao longo daquela década. Nesse percurso, a forma como os arqueólogos percebiam as articulações entre a arte rupestre, o registro arqueológico e com as sociedades vivas mudou consideravelmente. Eventualmente, essas mudanças lentas levaram à criação da Associação Brasileira de Arte Rupestre (ABAR) sob a égide da IFRAO. Fundada em 1997, a ABAR aos poucos foi impulsionando algumas mudanças teóricas e metodológicas nas interações entre a arqueologia brasileira, a arte rupestre e as sociedades contemporâneas.

* Una versión en inglés de este trabajo se publicó en el libro, *Study of Palaeoart of the World. A quest for understanding the evolution of human constructs of reality. A volume in honour of Professor Robert Bednarik.*



Ao longo de suas duas primeiras décadas, a ABAR promoveu condições para que pesquisadores brasileiros dedicados ao tema se reunissem com maior frequência e em número cada vez maior, aprofundando os intercâmbios inter-regionais. Também aumentou a participação de acadêmicos brasileiros nos encontros internacionais do IFRAO, potencializando a troca de informações em nível nacional e internacional e contribuindo para um amadurecimento sem precedentes dessa subdisciplina na arqueologia brasileira. Assim, mesmo que indiretamente, Bednarik também influenciou a forma como uma parte dos pesquisadores brasileiros passou a se organizar a partir do final dos anos 90.

Em 2009, Niède Guidon, ela mesma presidente da ABAR, e sua qualificada equipe de colaboradores organizaram um encontro internacional do IFRAO em São Raimundo Nonato, sudeste do Piauí, no interior do Brasil. Ela conseguia trazer mais uma vez os olhos e as mentes de toda a comunidade global da arte rupestre para o Parque Nacional Serra da Capivara. Esse evento foi um ponto de inflexão na pesquisa da arte rupestre no Brasil, demarcando um paradoxo. Embora a pesquisa com arte rupestre fosse bem vista enquanto consistentemente enraizada na arqueologia brasileira como nunca antes, também exibiu uma viva autonomia epistemológica como um campo científico próprio. De certa forma, demarcando um "fim da inocência" dos estudos de arte rupestre no Brasil (e.g. a perspectiva de que arte rupestre é arqueologia, ou não é nada, enfatizando a exclusividade ou primazia da voz arqueológica ocidental no tema, faria parte desta ideia de inocência epistemológica). O IFRAO atuou em estreita colaboração com a FUMHDAM, fundação responsável pelas pesquisas arqueológicas e estudos de arte rupestre no Parque Nacional Serra da Capivara coordenada por Guidon, para promover o evento. A equipe de Guidon fez tudo no terreno para realizar uma conferência soberba num cenário surpreendente do patrimônio da humanidade. Esse evento exerceu grande influência sobre a trajetória da disciplina no Brasil, permitindo pela primeira vez a convergência dos praticantes mundiais de diversas vertentes de investigação de arte rupestre, como por exemplo a arqueo- acústica, com a parcela da arqueologia brasileira interessada em arte rupestre, que apesar de pequena era efervescente.

Assim, a égide do IFRAO em relação à ABAR não era alegórica. De certa forma, a ABAR existe por causa de uma provocação do IFRAO. Contudo, Bednarik sozinho não poderia ter alcançado os colegas brasileiros sem a ajuda instrumental da pré-historiadora e professora portuguesa Mila Simões de Abreu. Simões de Abreu fez a ponte entre ABAR e IFRAO desde o início da associação brasileira na reunião do IFRAO realizada em Portugal em 1997. Mesmo que Bednarik e Guidon tenham colaborado no final da década de 1980, como dito anteriormente, principalmente após a fundação da ABAR, a pesquisa de arte rupestre no Brasil se conectou mais amplamente com a comunidade mundial enquanto também com a agenda do IFRAO. A conferência internacional de 2009 no contexto da Serra da Capivara e seus desdobramentos ajudaram a coroar a ABAR como organização nacional efetiva e abriram caminho para seu reconhecimento internacional definitivo. A partir de 2010, as reuniões da ABAR passaram a receber mais participantes de outras regiões do país além do Nordeste e do exterior, o que enriqueceu ainda mais os debates.

Em 2014, a primeira Conferência Internacional de Arte

Rupestre e Etnografia ocorreu em Cochabamba, Bolívia. A Associação de Arte Rupestre de Cochabamba (AEARC) e o IFRAO sediaram o evento. Participaram pesquisadores não indígenas e indígenas, não brancos e brancos do Peru, Bolívia, Brasil e outros lugares. O Prof. Roy Querejazu Lewis (Universidad Mayor de San Simon/AEARC) e Robert Bednarik (IFRAO) foram as figuras centrais do evento. Como resultado dessa reunião, nos juntamos (enquanto representante da ABAR) a uma força-tarefa composta por representantes da APAR (Perú), AEARC (Bolívia) e IFRAO para repensar aspectos da descolonização da pesquisa e gestão da arte rupestre sul-americana e tomar um posicionamento. Questões como os direitos indígenas sobre o patrimônio cultural rupestre, as ameaças que se acumulam contra as tradições indígenas vivas e os locais sagrados com arte rupestre e a participação dos povos indígenas na construção do conhecimento da arte rupestre foram todas abordadas nesse esforço. Particularmente alarmante foi a luta do povo indígena Mundurucu contra um complexo de megabarragens planejado para ocorrer ao longo do rio Tapajós, no sul da Amazônia.

Em 2015, a proposta de Cochabamba construída no evento de 2014 foi levada ao plenário geral do IFRAO na reunião de Cáceres, Espanha, para apreciação e votação. Mesmo contando com apoio de algumas organizações Sul Americanas, como GIPRI da Colômbia e CIARU do Uruguai, a proposta não era unânime e o consenso não foi obtido de imediato. Posteriormente, porém tendo conseguido apoio majoritário das organizações que fazem parte do IFRAO, o Manifesto de Cochabamba veio a público globalmente pelo site da Federação.

Em 2016, Bednarik retornou ao Brasil para trabalho de campo no estado do Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil (Figs. 1, 2 y 3). O convite veio do professor Valdeci Júnior, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, como parte de sua pesquisa de pós-doutorado sobre datação direta de petróglifos no sertão central daquela região. Bednarik veio coletar dados de microerosão dos sítios e estimar a idade de seus petróglifos ao ar livre. O Prof. Júnior definiu a amostra com base em critérios determinados pelo método de datação. Foi uma campanha intensiva de 15 dias onde tive a oportunidade de ingressar no grupo e atuar como assistente de campo e tradutor entre Bednarik e a equipe brasileira.

Foi o primeiro experimento de datação direta de gravuras rupestres já realizado no Brasil. Isso resultou em estimativas de idade que variam de 5.000 anos atrás até o início do século XVII de nossa era. Permitiu uma compreensão mais completa de uma suposição de longa data sobre a produção de arte rupestre naquela região e em outros lugares, relativa a longas sequências de milhares de anos de produção de marcas, marcação, antropogênicas nas mesmas superfícies rochosas. Um dos sítios (Papagaio 3 [Fig. 1]) produziu uma sequência de datas que demonstravam cerca de 2.000 anos de produção de cúpulas adjacentes no mesmo bloco (um litofone, ou pedra de sino), por exemplo. Outro resultado interessante foi a demonstração de que a arte rupestre naquela área ainda era produzida no início da invasão europeia, persistindo pelo menos um século após o início da presença colonial no litoral. Essas manifestações posteriores também mostraram diferenças estilísticas e iconográficas marcantes em relação às expressões anteriores. Esses resultados foram publicados na edição de maio da revista *Rock Art Research* de 2018, trazendo, além das questões já mencionadas, um panorama das tentativas



de datação arqueológica de arte rupestre realizadas no Brasil nos últimos 30 anos (Santos Júnior et al., 2018).

Em 2017, a Associação Peruana de Arte Rupestre (APAR) e a IFRAO organizaram a Segunda Conferência Internacional de Arte Rupestre e Etnografia em Cusco. Foi um evento produtivo que ampliou os objetivos da primeira edição em Cochabamba. Recebeu representantes e delegações da Índia, Arábia Saudita, Estados Unidos, Austrália, Peru, Bolívia e Brasil. Mais uma vez presente, Bednarik foi um dos mais entusiasmados com a articulação entre os estudos de arte rupestre e a etnografia na América do Sul. A delegação do Brasil contou com a presença de Poani Higino Tenório Tuyuka, renomado estudioso indígena e professor do Noroeste Amazônico. O Prof. Tenório Tuyuka também era um experiente pesquisador Indígena de arte rupestre Amazônica e figura central de uma onda contra-colonial nos estudos de arte rupestre no Brasil.

Particularmente esclarecedora foi a palestra de encerramento proferida pelo professor indígena. Seguindo seu pensamento, a falha fundamental na matriz teórica dos estudos de arte rupestre sul-americana é a exclusão do conhecimento indígena. A etnografia enquanto tradução ocidental do pensamento indígena pode responder a uma parte do problema, pois não se configura como conhecimento indígena em si. No entanto, isso vem mudando lentamente com a ascensão da Antropologia Indígena no Brasil, dando origem a um terceiro tipo de conhecimento, uma vez que não é tradicionalmente indígena (feito por xamãs) nem tradicionalmente etnográfico (feito por brancos). Portanto, foi necessário trazer um filósofo indígena da Amazônia para uma conferência internacional sobre arte rupestre e etnografia para afirmar que a questão não é uma etnografia da arte rupestre pouco desenvolvida ou inexistente; a questão é se o conhecimento indígena está vivo, e quais as condições para se manter assim. Desta forma, a primeira questão diz respeito ao epistemicídio do conhecimento indígena, o extermínio sistemático das fontes primárias dos conhecimentos não-ocidentais. Em segundo lugar, a falta de reconhecimento epistemológico de que o pensamento indígena consiste em formas eficazes de pesquisar e conhecer a arte rupestre. Arelada a isso, a ideia de que o conhecimento indígena sobre a arte rupestre consiste em interpretações metafísicas sobre o significado das figuras é epistemologicamente prejudicial. O mesmo se aplica à valorização do conhecimento indígena com base na sua utilidade para a mentalidade ocidental, por exemplo, contrapor-se ao Antropoceno sem enlouquecer, tendência já percebida por outros, como no fascinante livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (Krenak, 2019). Com efeito, o conhecimento indígena não depende da validação ou tradução ocidental.

O professor Tenório Tuyuka apresentou aos participantes do congresso em Cusco, o conceito básico de cultura do respeito (*Padeō Masirē*), ou seja, alianças onto-epistemológicas entre diferentes modos de ser e conhecer o cosmos, pré-condição para o Bem-Viver. Nesse sentido, o conhecimento indígena, mais do que a etnografia, é uma ponte que pode levar os estudos de arte rupestre sul-americanos ao seu próximo passo evolutivo, como um sopro de vida cognitiva na arte rupestre, evitando que se torne mais uma versão empobrecida, desatualizada e imitadora das teorias e métodos Euro-Americanos. Bednarik ouviu atentamente e foi um dos poucos que entendeu a profundidade daquela mensagem. Ele imediatamente reconheceu a autoridade do Prof. Tenório

Tuyuka e registrou essa impressão em seu relatório para RAR sobre aquela conferência. O espírito do Manifesto de Cochabamba estava vivo e enraizado naquele grupo reunido em Cusco. Bednarik continuou a encorajar a sua mensagem, reforçada em 2017 por um apelo às armas contra-coloniais das Epistemologias Indígenas Amazônicas.

Em 2018, um artigo de autoria intercultural (Valle et al., 2018) apareceu na segunda edição da RAR. Foi a primeira vez que intelectuais nativos amazônicos contribuíram como coautores para um artigo científico publicado em uma revista internacional especializada em estudos de arte rupestre. Além de um artigo acadêmico, foi também uma ação decolonial direta na pesquisa de arte rupestre sul-americana, um passo modesto para melhor simetrizar os direitos autorais indígenas sobre o conhecimento nativo. Quando o Prof. Poani Higino Tenório Tuyuka e o Prof. Jairo Saw Munduruku assinaram aquele papel, eles traçaram uma linha no chão. A teorização contemporânea sobre a arte rupestre na Amazônia e em outros lugares não pode mais prosseguir sem ouvir e se envolver com o conhecimento indígena, mantendo uma articulação simétrica, como aquelas mantidas com a química ou a geologia. Foi mais um passo rumo à contra-colonização epistemológica dos estudos de arte rupestre no Brasil. Bednarik apoiou esse esforço durante todo o processo, sabendo o que estava em jogo na Amazônia. Se uma parte do mundo da arte rupestre contemporânea reconhece a importância desses intelectuais nativos da Amazônia como especialistas indígenas em arte rupestre, Robert Bednarik desempenhou um papel relevante nesse processo.

Então, veio a Pandemia, e em decorrência muitas vidas se perderam. Entre os que morreram estava o Prof. Higino Tuyuka, em junho de 2020. A contra-colonização epistemológica da pesquisa de arte rupestre no Brasil recebeu um duro golpe. Percebendo essa perda crítica, Robert Bednarik incentivou uma iniciativa para honrar a memória dele. Escrevi um obituário e memorial do meu professor indígena, que foi publicado nas páginas do RAR em 2021 (Valle, 2021). Neste ato de gentileza respeitosa e generosa de sua sensibilidade, capaz de prever, compreender e apoiar amplamente compromissos e alianças entre seres de diferentes naturezas epistêmicas (ou seja, cultura de respeito), Bednarik tornou-se parcialmente responsável pela imortalização do primeiro pesquisador indígena de arte rupestre no Brasil.

Portanto, estas são contribuições exemplares que vão além daquelas do domínio científico, com as quais Bednarik pôde se envolver e promover. Ele tem feito coisas semelhantes noutros países em desenvolvimento, apoiando os seus investigadores de arte rupestre empenhados em promover agendas científicas locais e regionais, bem como, ajudando a proteger o patrimônio global de arte rupestre e suas fontes vivas de conhecimento tradicional. Nesse sentido, uma forma coerente de enfatizar esse aspecto central de seu caráter é chamá-lo pelo termo apropriado: Generosidade é seu nome do meio.

Raoni Valle
DoctorProfessor associado e pesquisador
Laboratório de Antropologia Visual e Arqueologia da Imagem - LAVAI
Programa de Antropologia e Arqueologia - PAA
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA
Santarém, Pará, Brasil, 11/11/2022.
figueiradoinferno@hotmail.com



REFERENCIAS

BEDNARIK, R. G. 1979. The potential of rock patination analysis in Australian archaeology (part 1). *The Artefact* 4 (3 & 4), 14-38.

BEDNARIK, R.G. 1989. On the Pleistocene Settlements of South America. *Antiquity* 63: 101-101.

BEDNARIK, R.G. 2017. *Palaeoart of the Ice Age*. Cambridge Scholars Publishing, UK. Pp: 87-87.

Krenak, A. 2019. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Editora Companhia das Letras, São Paulo, SP. 104 pp.

SANTOS JÚNIOR, V., VALLE, R., LAVALLE, H., OLIVEIRA, D., & BEDNARIK, R. G. 2018. Direct dating of petroglyphs in Rio Grande do Norte, Brazil. *Rock Art Research*, 35(1), 85-97.

VALLE, R., G.-T. ECHEVARRÍA LÓPEZ, P. H. P. TENÓRIO TUYUKA and J. S. MUNDURUKU 2018. What is Anthropogenic? On the cultural aetiology of geo-situated visual imagery in Indigenous Amazonia. *Rock Art Research* 35 (2): 123-144.

VALLE, R. 2021. An Obituary and Memorial of the first Indigenous rock art researcher in Brazil: Prof. Poani Higinio Tuyuka, killed by Covid-19 and by the Brazilian government. *Rock Art Research* 38 (1): 08-11.



Figura 1. Robert Bednarik em Sertão central do estado del Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. Fotografia de Raoni Valle, 2016.



Figura 2. Robert Bednarik em Sertão central do estado del Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. Fotografia de Raoni Valle, 2016.



Figura 3. Robert Bednarik em Sertão central do estado del Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. Fotografia de Raoni Valle, 2016.